



<https://doi.org/10.51880/ho.v25i2.1256>



Cartografia das territorialidades e espacialidades por meio da história oral: desafios e estratégias metodológicas

Alexandre Antonio de Oliveira*

ORCID iD 0000-0002-6109-4456

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Design, Curitiba, Brasil

Ronaldo de Oliveira Corrêa*

ORCID iD 0000-0003-1894-1944

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Design, Curitiba, Brasil

Resumo: Este artigo propõe estratégias metodológicas e a operacionalização de uma cartografia das territorialidades por meio da reconstrução de circuitos e práticas de espaços na constituição de sujeitos a partir da história oral, da construção de cartografias e da fotografia para ampliar narrativas. Primeiramente, buscamos descrever as bases conceituais que permeiam a construção da pesquisa. Autores como Bosi (2006), Meihy (2005), Simmel (1971), Magnani (2014) e Certeau (1994) estruturam a maneira de (re) construir as sociabilidades, os circuitos e as práticas de espaço dos(as) discentes. As cartografias seguem a premissa de Martín-Barbero (2002). As análises de conteúdo foram feitas por meio da codificação temática de Miles, Huberman e Saldaña (2014) e das imagens seguindo autores como Bourdieu (2003) e Martins (2008). Por fim, são narrados alguns episódios coletados a fim de explicitar como são descritas as circulações e espaços desses sujeitos em suas experiências de formação.

Palavras-chave: História oral. História do ensino do design. Cartografia das territorialidades.

Cartography of the territorialities and spatialities via oral history: challenges and methodological strategies

Abstract: This paper proposes methodological strategies and the operationalization of a cartography

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Design na linha de Teoria, História e Crítica do Design pela Universidade Federal do Paraná (PPGDESIGN/UFPR), Mestre em Design pelo PPGDESIGN/UFPR. E-mail: aleantoli@gmail.com.

of the territorialities through the reorganization of circuits and spatial practices in constitution of the subjects from the perspective of oral history, the organization of cartographies, and photography to expand narratives. Initially, we aim to describe the conceptual grounds that permeate this research. Authors like Bosi (2006), Meihy (2005), Simmel (1971), Magnani (2014), and Certeau (1994) structure how to (re)organize students' sociabilities, circuits, and spatial practices. The cartographies follow Martín-Barbero's (2002) premises. Our content analyses were made through Miles, Huberman, and Saldañá's (2014) thematic coding, as well as the use of images according to theoreticians like Bourdieu (2003) and Martins (2008). Finally, we tell a few real-life stories in order to clarify how people go about their circulations and spaces during their upbringing.

Keywords: Oral history. History of design education. Cartography of territorialitie.

Introdução

Este artigo relata as estratégias metodológicas e a operacionalização para uma cartografia das territorialidades por meio da reconstrução de circuitos e práticas de espaços na constituição de sujeitos a partir da história oral. Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado¹ em andamento sobre as memórias, experiências, sociabilidades e trajetórias de discentes da primeira turma (1975 a 1978) de Comunicação Visual e Desenho Industrial da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Entendemos, na pesquisa, que a constituição dos sujeitos é um tema que abrange diversas áreas de investigação, que inclui os processos sociais de troca de valores e significados pautados pelas sociabilidades, trajetórias, práticas e saberes.

Conceitualmente, a pesquisa toma por base as formas pelas quais o passado é reconstruído por lembranças, buscando reconstruir experiências e algumas histórias da formação de discentes na área do Design, reunindo fragmentos importantes narrados por alguns de seus atores. Neste sentido, o principal tipo de fonte desta pesquisa é a oral. É seguida a perspectiva de Ecléa Bosi (2006, p. 58) quando menciona que o “instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem”. A partir da linguagem busca-se reconstruir histórias e experiências desse grupo. Em vista disso, trata-se não somente de memórias individuais, mas também de memórias coletivas.

Recorremos a Halbwachs (1990) na afirmação de que toda memória individual corresponde à memória coletiva tangenciada pela sua temporalidade, espacialidade e interação. A memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e que muda conforme o lugar ocupado. Sendo assim, vemos as narrativas memorialistas como uma maneira de (re)construção de identidade social entrelaçada por uma teia imbricada de outras identidades. Halbwachs mostra que no jogo de memória entre ser um e ser múltiplo, sofremos a todo momento o processo de enquadramento da

¹ Doutorado em Design de Alexandre Antonio de Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR, na linha de Teoria e História do Design, sob orientação de Ronaldo de Oliveira Corrêa.

memória, a cada evocação da memória que realizamos. Nesse trabalho de lembrar o passado e evocar no presente, o autor sentencia que “não é na história apreendida, é na história vivida que se apoia nossa memória” (Halbwachs, 1990, p. 60).

Prosseguindo com a relação de lembrança do passado no tempo presente, Ecléa Bosi comenta:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (Bosi, 2006, p. 57).

Sendo assim, existe nitidamente diferença entre o vivido e o lembrado, permitindo diferentes versões de um mesmo fato. Esse aprofundamento teórico sobre a memória articula-se ao conceito de experiência e saber da experiência trazido por Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). Para Bondía, experiência “é o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Seguindo por esse pensamento, pode-se entender que o sujeito da experiência é um sujeito exposto, que se abre, aquele que padece, que é interpelado. Por isso, a experiência tem um componente fundamental que é a sua capacidade de formação ou transformação e o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Além da experiência e o sujeito da experiência, há um terceiro fator na explanação do autor: o saber da experiência. Não se trata de um saber científico ou do saber da informação. Esse saber é “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (Bondía, 2002, p. 27). Este saber está ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade particular e os sentidos que esses indivíduos ou coletivos dão à sua própria existência. Trata-se de um saber particular, subjetivo, pessoal.

Vinculamos também a Simmel (2006) a importância da subjetividade para o exercício da sociabilidade. Entendemos como o autor que é fundamental considerar a individualidade e subjetividade no processo de interação e associação com outros indivíduos e nas atividades que conduzem. Privilegiar a subjetividade e a sociabilidade no universo de pesquisa proposto é valorizar as amizades, os encontros, as reuniões, as práticas, despidos de um caráter mais instrumental. Ao seguir os passos de Simmel,

buscamos explorar com afinco a cultura subjetiva² desses(as) interlocutores(as), em especial o campo da experiência.

Apoiado nisso, adentramos o plano da sociabilidade. Partimos da concepção de sociabilidade que Simmel (1971) propõe. Para ele, a sociabilidade é a *play-form* (forma lúdica) da associação. Ela não está presa a necessidades ou interesses específicos. No entanto, o próprio autor alerta que em todos os tipos de associação a sociabilidade está presente. Entrelaçamos a esse conceito a concepção de sociabilidade de Maurice Agulhon (2016) que ajuda a problematizar a formação de grupos voltando-se para os lugares, as instituições e os projetos em comum que permeiam esses conjuntos e apontam uma perspectiva simbólica subjacente: as redes por ela formadas. Essa visão também reflete o lado sensível das tramas, atravessadas por vínculos de afeição ou animosidades que podem ser compartilhados pelos sujeitos nos seus diversos espaços e territórios.

É a partir da memória que esse trabalho ganha consistência no indivíduo-sujeito. É na articulação e amarração entre eles que é dado significado à vida, às ações, aos deslocamentos, à própria identidade.³ A constituição se dá a partir dessas visões retrospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações dentro de uma conjuntura de vida, no elencar etapas de sua trajetória.

Nesta pesquisa, as sociabilidades e ações se deram em Curitiba no recorte temporal de 1975 a 1978. Para o entendimento dessas sociabilidades e práticas na cidade, recorreremos a autores que estabelecem noções nessa dimensão. Estabelecemos diálogo com Magnani (2014) ao definir os “trajetos”, ou seja, os fluxos recorrentes, desses atores sociais na cidade de Curitiba na dimensão temporal estabelecida a partir do conjunto de pontos localizados espacialmente. A partir dos trajetos e dos pontos é possível reconhecer locais e áreas que marcam e viabilizam uma atividade ou prática predominante. Essas áreas, Magnani define como “manchas”. Uma mancha, por sua vez

[...] acolhe um número maior e mais diversificado de usuários viabilizando possibilidades de encontro e não relações de pertencimento, [...] a mancha acena com o imprevisto, pois ainda que sejam conhecidos, o padrão de gosto ou pauta

² Seguimos na pista de Gilberto Velho em seu livro “Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração” (1989), entendendo que a cultura objetiva é como todos aqueles produtos humanos compartilhados coletivamente, como religião, arte, literatura, filosofia, rituais, etc., por meio dos quais construímos e transformamos nossas vidas como indivíduos. “Cultura subjetiva”, por sua vez, refere-se aos aspectos criativos e inteligentes do ser humano individual, aspectos de nós mesmos que Simmel argumentou que só poderiam ser cultivados por meio da cultura externa ou “objetiva”.

³ O termo identidade utilizado nesta pesquisa refere-se às marcações construídas pelos indivíduos para si e para seus grupos, sua autoidentificação, definida por meio de suas escolhas e de sua visão do mundo, numa interação social, de acordo com as diretrizes de Velho (1994). Não é interesse desta pesquisa definir uma identidade ou unidades englobantes de um(a) designer em formação no recorte temporal estabelecido. Busca-se entender a constituição destes a partir das experiências narradas, logo, seus projetos individuais e coletivos, assim como as práticas e sociabilidades.

de consumo aí imperantes, não se sabe ao certo o que ou quem vai se encontrar. (Magnani, 2014, p. 10).

Com os conceitos de trajeto e mancha é possível identificar outras pessoas – além dos discentes e docentes dos cursos de Comunicação Visual e Desenho Industrial – que faziam parte do “circuito” do aprendizado e formação profissional do design entre 1975 e 1978. Magnani (2014, p. 15) define circuito como “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo”. O que Magnani (2014) trata nessas definições é a apreensão coletiva da cidade, uma cartografia. Não há a possibilidade de definir circuitos a partir de um indivíduo.

Para a organização dos dados dessa apreensão coletiva da cidade, propomos neste trabalho a construção de mapas e infográficos a partir dos relatos dos(as) interlocutores(as). Buscamos na construção da imagem organizar e ordenar dados abstratos para possibilitar maneiras de visualização e apresentação, que propõe novas formas de observar a realidade social, suas tensões e seus vazios. Cabe salientar que a cartografia não se trata apenas da imagem final, mas da construção na intenção de capturar diferentes ordens e relações. Esse ordenamento permite ampliar os dados coletados e não somente a leitura ou apoio ao documento escrito (ou narrado). Uma forma de encontrar outras redes de experiência, assim como Martín-Barbero propõe em seu “Ofício de cartógrafo” (2002).

Além da dimensão coletiva, buscamos também a apreensão da cidade pela escala do humano, pelas experiências vividas e narradas. Baseamos essa transposição narrativa das maneiras de apropriação dos espaços em Michel de Certeau (1994), reconhecendo que as descrições orais de lugares representam um *corpus* que possibilita “ver e ir” nesses locais a partir dos relatos, assim como estabelecer circulações e operações nesses espaços.

Assim como Michel de Certeau, entendemos o espaço como “um lugar praticado”. Pela narração, os espaços são especificados a partir da ação dos sujeitos históricos. Há no discurso uma direção de existência e atividade. Merleau-Ponty (1999, p. 391) afirma que “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. Consideramos, assim, as práticas narradas para determinar os espaços vividos, as apropriações, o mundo percebido.

Sendo a pesquisa a investigação de práticas, saberes e sociabilidades a partir de documentos de diversas tipologias com ênfase nos depoimentos narrados, estabelecemos nas práticas cotidianas o fio condutor temporal para as análises. Baseamo-nos em Michel de Certeau (1994) quando demonstramos esse compromisso em narrar as “práticas comuns”, as “artes de fazer” dos praticantes, as operações desviantes e clandestinas. O tempo cotidiano que Certeau preconiza busca uma inversão de perspectiva, um deslocamento de atenção dos produtos recebidos e impostos pela criação anônima com suas regras próprias. São nessas *ocasiões* narradas que apoiamos os modos de proceder –

ou *maneiras de fazer* – desses interlocutores e interlocutoras. Para apreciar “a diferença entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização”, Certeau (1994, p. 40) sugere, como baliza teórica, “a construção de frases próprias com um vocabulário e uma sintaxe recebidos”, considerando que, por essas maneiras de utilizar essa produção, pelas maneiras de fazer, ocorre com os usuários uma espécie de “bricolagem” com a produção sociocultural dominante, pela possibilidade de descobrir inúmeras metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Marília Duran completa esse pensamento:

Nessa perspectiva, a legitimidade da ‘autoridade’, isto é, a expressão daquilo que é ‘aceito’ como ‘crível’ se constrói pelas representações que vão se articulando em torno dela e que se traduzem por uma ‘constelação de referências’, fontes, uma história, uma iconografia, em suma, por uma articulação de ‘autoridades’. (Duran, 2007, p. 120).

Segundo Certeau, são essas representações aceitas que inauguram e ao mesmo tempo exprimem essa nova credibilidade. Vemos nesses sinais de reconhecimento e nessas condições de possibilidades e de *inventar o possível* as formas de narrar as práticas e saberes dos interlocutores e interlocutoras.

Além da dimensão narrativa advinda dos depoimentos dos(as) interlocutores(as), este trabalho também utiliza a fotografia como instrumento para ampliar tal dimensão, como um vestígio que permite a recriação e construções de sentidos (Troncoso, 2011). A vemos como um documento de sociabilidade, assim como propõe Bourdieu (2003) e Martins (2008), autores inseridos no campo da sociologia da imagem. A fotografia funciona como “sociograma vernacular, que documenta as relações e as posições sociais, como descrição visual de proximidades e distâncias sociais, de presença ou ausência na imagem” (Martins, 2008, p. 17). Trata-se de utilizar a fotografia numa “perspectiva muito próxima de como o historiador utiliza os documentos escritos” (Martins, 2008, p. 18). No entanto, diferentemente do uso que os historiadores fazem das fotografias, entendemos que ela

[...] não é apenas o documento para ilustrar nem apenas dado para confirmar. Não é nem mesmo e tão somente instrumento para pesquisar. Ela é constitutiva da realidade contemporânea e, nesse sentido, é, de certo modo, objeto e também sujeito. (Martins, 2008, p. 23).

Na história oral, a discussão da utilização de imagens como fonte não é recente. Pereira Neto, Montenegro e Machado (2012) analisa a produção brasileira de 1998 a 2008 e umas das questões citadas é o cruzamento dos depoimentos com outras fontes e a sua complexidade, assim como Mauad (2018) salienta o cuidado com as fontes visuais na sua historiografia do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade

Federal Fluminense (LABHOI/UFF). Publicações recentes na revista *História Oral*, como a de Fontineles e Sousa Neto (2020), analisam imagens antigas e plantas baixas de casas de um condomínio em Teresina (PI) para confrontar com depoimentos orais e revelar inconstâncias nas narrativas da mídia jornalística da cidade, expondo uma realidade social mais profunda e contraditória dessa população. Por último, citamos a publicação de Troncoso (2011, p. 88) sobre a memória histórica e o uso da imagem como vestígio e “ponto de partida para a recriação de universos simbólicos que dão sentido e inteligibilidade à atividade humana em todas as suas expressões”.

Temos consciência de que a fotografia não é um retrato do real, mas sim uma linguagem que traduz os interesses de quem a produz e quem a consome. As fotografias utilizadas neste artigo para ampliar a narratividade ou destacar práticas e espaços foram todas produzidas por discentes do curso, com interesses de registrar momentos específicos em lugares específicos.

Sendo assim, utilizamos as fotografias tanto para apoiar depoimentos orais e trazer novas dimensões narrativas como para articular seus conteúdos narrativos para descrever os espaços e práticas dos sujeitos. Para alguns interlocutores foram mostradas algumas fotografias para que estes produzissem depoimentos e narrativas a partir delas. Em outros casos, utilizamos as fotografias como apoio aos depoimentos já coletados previamente.

Tendo como unidade de análise as *experiências discentes da primeira turma do curso de Comunicação Visual e Desenho Industrial, entre 1975 e 1978, em Curitiba*, realizou-se uma análise descritiva de como esses discentes construíram saberes, práticas e sociabilidades, a partir das suas biografias laborais, aulas, realização de atividades, encontros, espaços e episódios referentes à formação vocacional.

Método

Foram coletados documentos em suas diversas tipologias, entre primários e secundários. Neste trabalho pretende-se evidenciar a coleta de documentos por meio da entrevista e como esses levaram para uma cartografia das territorialidades por meio da reconstrução de circuitos e práticas de espaços na constituição de sujeitos.

Salientamos que partimos da premissa que o campo orienta a construção do quadro teórico e dos procedimentos metodológicos que são utilizados no processo de investigação. A construção simultânea do campo e do objeto de estudo na pesquisa qualitativa é defendida por Laperrière (2014). Essas orientações do campo, ao longo desse processo, mudaram tanto as definições metodológicas quanto os temas de pesquisa. Neste passo, algumas das técnicas utilizadas e descritas aqui foram sendo realizadas em concomitância com outros procedimentos, definindo estratégias e sendo

definidas por outros, num e ir e vir de processos. A rede de interlocutores(as) é um destes procedimentos.

A rede de interlocutores(as) nesta pesquisa tem grande relevância uma vez que utilizamos a história oral como método. Os primeiros contatos ocorreram, em caráter exploratório, entre os meses de abril e junho de 2019. A partir de julho de 2019, depois dos protocolos de entrevistas definidos, tivemos condições de iniciar as entrevistas (algumas presenciais e outras remotas devido à pandemia de COVID-19). Foram coletadas 9 entrevistas, sendo 3 de docentes e 6 de discentes da primeira turma. Em todas as entrevistas foram abordados temas relacionados ao curso, atividades, biografia laboral, sociabilidades e circulação na cidade.

Para Barnes (1987, p. 167), rede é “um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos”. A rede significa uma ligação direta entre os sujeitos determinados por diversas ligações de diferentes naturezas. No caso desta pesquisa, a ligação seria de amizade, reciprocidade e a partir das práticas e sociabilidades nas atividades dentro e fora do curso, no recorte temporal de 1975 a 1978 – período da formação.

A apresentação da rede de interlocutores é baseada no modelo sugerido por Barnes (1987), no qual pontos determinam as pessoas e as junções, linhas, ângulos e distanciamentos determinam as relações interpessoais; desta forma é possível ilustrar e visualizar redes e circuitos. Nesta pesquisa determinamos como figuras-chave os “Irmãos Razera”, Dalton e Toni Razera. Justificamos a escolha por duas pessoas ao invés de uma: Dalton foi discente no curso de Comunicação Visual enquanto Toni foi discente no curso de Desenho Industrial. Suas trajetórias laborais percorrem tanto o campo acadêmico quanto o não acadêmico, abrangendo a rede de contatos possíveis para esta pesquisa.

Na tentativa de visualização de outros personagens dentro da amostra, inserimos na representação da rede parcial pessoas que faziam parte da turma ou docentes que foram mencionados nas entrevistas. De acordo com as menções estabelecemos as proximidades buscando visualizar uma rede mais robusta, complementar à de interlocutores previamente construída:

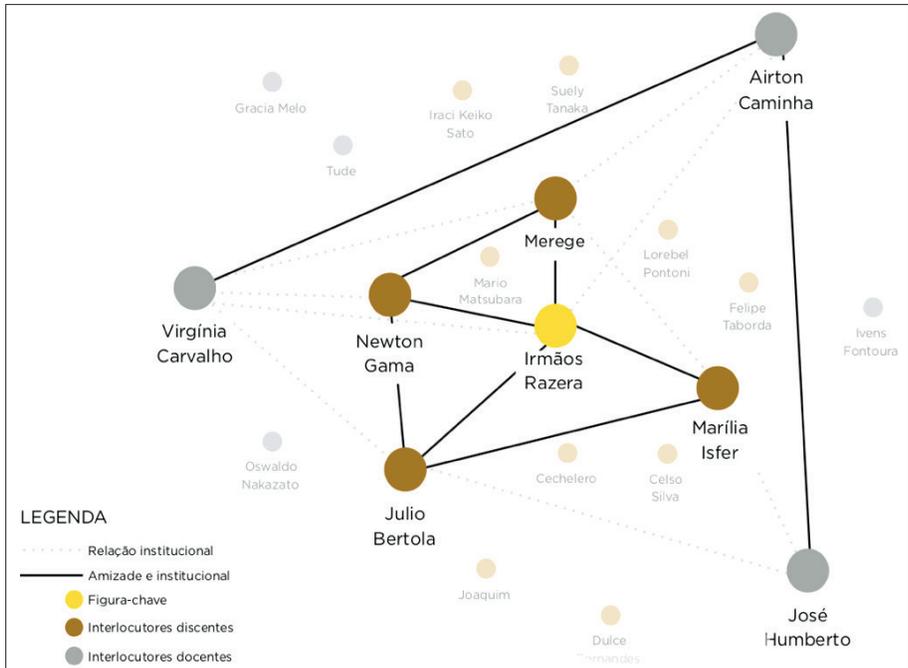


Figura 1 – Representação da rede parcial dos discentes e docentes entre 1975 e 1978.
Fonte: autores.

Essa representação gráfica está situada no recorte temporal de 1975 a 1978. O mapeamento permite a análise das aproximações e distanciamentos entre diversos interlocutores, no entanto, reconhecemos que consta nela apenas uma parte das informações coletadas. Sendo assim, entendemos que a representação da rede de interlocutores nos ajuda a acessar algumas das conexões que essas pessoas firmaram no recorte temporal estabelecido e serve para entender de modo preliminar a complexidade de relações, experiências e sociabilidades.

A transcrição das entrevistas foi feita mantendo o sentido intencional dado pelo narrador, como sugere Meihy (2005). Foi utilizado o protocolo de transcrição elaborado por Corrêa (2008), que divide a conversa a partir de dois turnos de fala, indicando pausas e gestos integrantes ao modo de narrar do interlocutor ou interlocutora.

A revisão das entrevistas pelos(as) interlocutores(as) foi feita de maneira remota e devolvido para os pesquisadores com seus devidos apontamentos. Este processo é de suma importância nos procedimentos da história oral, como indica Meihy (2005), uma vez que o colaborador tem ampla liberdade de revelar apenas o que lhe é liberado pelo próprio juízo, consciência ou memória. Dessa forma, é respeitada a opinião e posição da pessoa em expor ou não fatos e o desejo de não tornar público informações

específicas.

Este trabalho busca explicitar as movimentações e espaços por onde essas pessoas circularam a partir de suas narrativas sobre as práticas e atividades do curso. Para isso, foi necessário elaborar uma cartografia das territorialidades e dos espaços de sociabilidade para análise posterior a partir de Magnani (2014) e Michel de Certeau (1994). Para analisar as práticas, além das “ações narrativas”, também consideramos a materialidade dos artefatos como resultados das práticas.

Os locais mencionados nos documentos e nas entrevistas como pontos de sociabilidade ou de experiências durante a formação desses discentes foram indicados em um mapa de Curitiba para entender a circulação pela cidade – como mostra a Figura 2, a seguir. A visualização desses pontos auxiliou na elaboração de percursos e no entendimento da apreensão da cidade por esses sujeitos. Desta forma, a partir da cartografia e dos depoimentos, atuamos no ir e vir entre o “percurso” e o “mapa”, como explica Certeau (1994, p. 204).

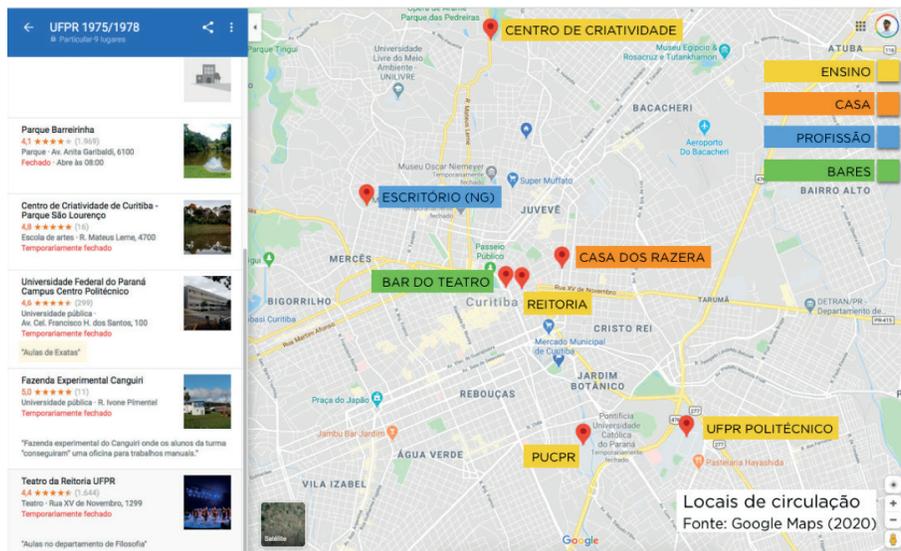


Figura 2 – Mapa com localidades e trajetos dos discentes.
Fonte: autores.

Os espaços mencionados com certa profundidade também foram reconhecidos e cartografados. Buscou-se com isso estabelecer onde esses episódios e experiências ocorreram (*lugares*) e de que forma ocorreram (*espaços*). O modelo de Infográfico de Espaços se encontra a seguir na Figura 3.

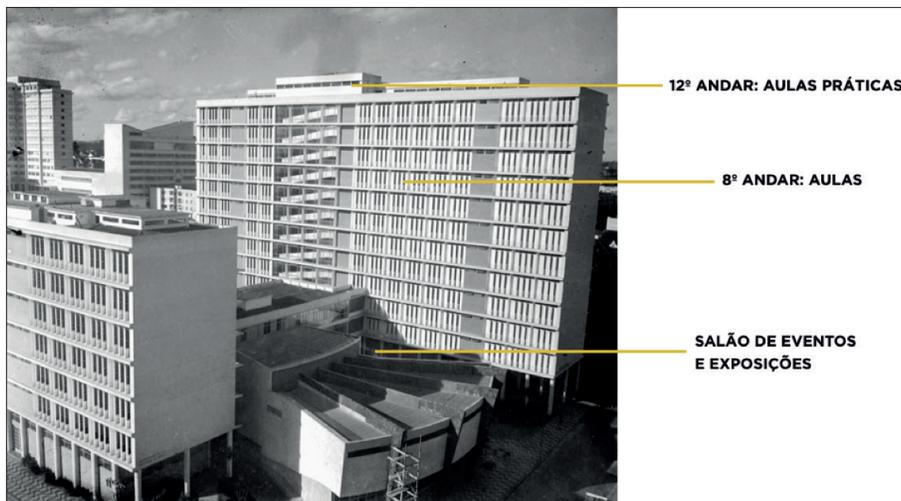


Figura 3 – Infográfico dos espaços.
Fonte: autores.

Para a codificação temática das entrevistas procedemos pela definição de núcleos temáticos a partir da recomendação de Miles, Huberman e Saldaña (2014). Utilizando o protocolo de entrevistas e suas divisões em turnos, foi observado como esses núcleos temáticos se aproximavam ou distanciavam nas narrativas. Os referidos autores sugerem três etapas para a codificação e é como procedemos: 1) atribuição de código/tema a padrões que se repetiram nas entrevistas; 2) triagem por semelhanças, diferenças, sobreposições ou justaposições; e 3) elaboração e reflexão sobre os temas na construção das histórias narradas. Para esta pesquisa, articulamos esses entendimentos a partir das experiências discentes da primeira turma dos cursos de Comunicação Visual e Desenho Industrial no que tange seus saberes, práticas e sociabilidades.

Deslauriers e Kérisit (2014, p. 143) sugerem como espécie de categorias provisórias e um caminho a se seguir, “indicando em qual direção olhar, sem fixar definitivamente o real”. Entendemos que os núcleos temáticos são qualificados em função do aprofundamento teórico, das descobertas da pesquisa de campo e da articulação entre esses dados, assim como Lapèriere (2014) aconselha. A seguir trazemos o Quadro 1 com os núcleos temáticos estabelecidos:

Design	Teorias, metodologias e formulações acerca da disciplina do Design na época
--------	---

Contexto cultural de Curitiba	Aspectos políticos, econômicos e culturais de Curitiba na década de 1970
Design em Curitiba	Pessoas, espaços, instituições, políticas reconhecidas por atividades de design em Curitiba
Sociabilidades	Espaços de encontro e sociabilidade
Práticas	Atividades relacionadas à formação
Saberes, técnicas e materialidades	Modos de acesso e circulação de saberes, técnicas e materialidades
Temporalidade	Articulações temporais sobre as práticas e nas atividades de formação e profissional

Quadro 1 – Quadro de temas para codificação temática.

Fonte: autores.

Resultados

Após descrever como se deu a coleta e a estratégia de pesquisa, percorremos e caracterizamos um dos pontos mencionados – e experimentado – pelos(as) interlocutores(as): o Campus Reitoria. Procuramos com essa caracterização e cartografia transformar esses pontos em “espaços” (Certeau, 1994, p. 202), ou seja, um lugar praticado.

Propomos um passeio investigativo por esse local de estudo, práticas e sociabilidades que fizeram parte da constituição desses(as) *designers*. A partir das narrativas sobre suas experiências, seguimos de forma oscilante entre o “ver e o fazer” desses espaços, categorias que Michel de Certeau (1994) traz nas suas práticas espacializantes do caminhar pela cidade. Também procuramos descrever, de forma complementar, personagens e as sociabilidades que se davam nesses espaços.



Figura 4 – Vista do conjunto arquitetônico da Reitoria em meados dos anos 1960. Ao fundo, à esquerda, o complexo do Hospital das Clínicas da UFPR.

Fonte: Jarwoski (2018).

O Campus Reitoria⁴ se encontra no limite nordeste da região central de Curitiba e avizinha os bairros residenciais do Alto da Glória e Alto da XV. A Reitoria, como é comumente denominado todo o complexo de característica modernista, é composta por: dois edifícios – D. Pedro I e D. Pedro II; um anfiteatro; e um prédio administrativo. Entre os prédios existia um estacionamento, igualmente utilizado como pátio, que servia como ponto de encontro e algumas vezes como local de aula.⁵ O edifício mais alto do complexo (Figura 4) é o D. Pedro I e o mais baixo, o D. Pedro II.

Na década de 1970, essa região era formada por muitos casarões, prédios baixos e poucos edifícios altos. A circulação de pedestres era menos intensa que em outros pontos do centro da cidade que possuíam maior concentração de lojas e edifícios (residenciais e comerciais). No entanto, nas quadras adjacentes se situavam diversos cartões postais da cidade, como o Teatro Guaíra, o Passeio Público e o Prédio Histórico da UFPR. Ainda nessa *mancha*, havia diversos bares, cafés, padarias e comércios (Figura 5). O mapa abaixo nos ajuda a localizar o circuito e indicar as distâncias entre os pontos que os(as)

⁴ A Reitoria está localizada na Rua General Carneiro, 460, bairro Centro.

⁵ Marília Isfer (2020) comenta em entrevista de algumas aulas terem acontecido “no pátio” alegando a precariedade de infraestrutura do curso.

discentes frequentavam para aulas, encontros – como praças e locais turísticos –, assim como locais culturais (teatros, museus, outros), mencionados em depoimentos como importantes na sua formação.

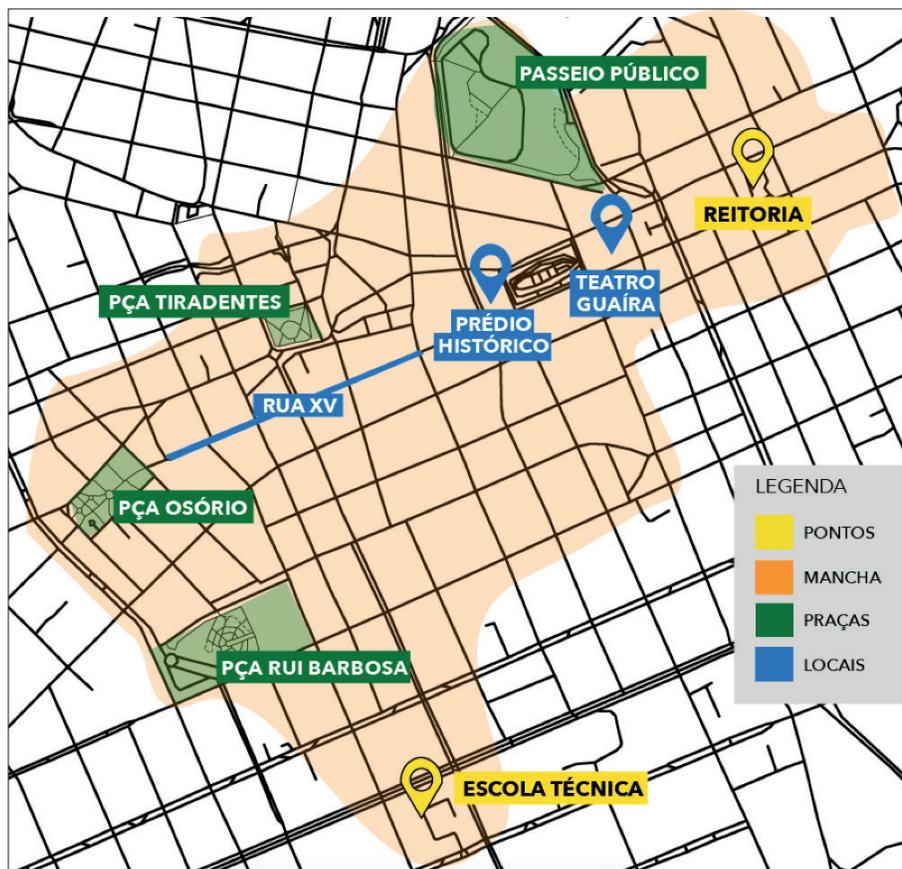


Figura 5 – Mapa com os pontos e manchas das adjacências do Campus Reitoria.
Fonte: autores.

Aos primeiros dias de março de 1975, em um dos anfiteatros do edifício D. Pedro I, os primeiros calouros e calouras dos cursos de Artes Plásticas⁶ da UFPR se reuniram ao redor de uma mesa enorme. Os mais novos, com seus 17 ou 18 anos, encantados, ficaram empolgados com o que viram. Outros, mais experientes e atuantes nas áreas de Arquitetura e Publicidade, já conheciam alguns objetos que repousavam sobre a mesa. Mesmo assim, todos estavam muito interessados e curiosos. Junto à mesa havia

⁶ Esses discentes de 1975 prestaram vestibular para o curso de Artes Plásticas com as habilitações em Comunicação Visual, Desenho Industrial e Educação Artística.

um rapaz com seus 35 anos, de fala incisiva e muitas vezes performática, com “cara de artista” (Julio Bertola, 2020). Ele manuseou os objetos que estavam nessa mesa e contou a utilização de cada um deles. Este rapaz que explicava se chamava Ivens Fontoura, professor convidado⁷ para dar a aula inaugural dos cursos. Os objetos, que povoavam quase inteiramente a mesa, eram diversos tipos de ferramentas para desenhar, pintar e para esculpir, além dos mais diferentes tipos de papéis. Alguns calouros, como Julio Bertola, se empolgaram com a demonstração e constataram: “é isso mesmo que eu quero!” (Julio Bertola, 2020).

Essa aula inaugural poderia ter sido diferente. Estava programada uma palestra que seria proferida pelo professor Décio Pignatari, “expert em comunicação” (Em extinção..., 1975), no entanto, foi adiada e aconteceu semanas mais tarde.⁸ Pignatari era entusiasta da Comunicação Visual e Desenho Industrial com diversos artigos publicados em revistas, nessa época. Ainda assim, tinha um perfil acadêmico e com pouca prática profissional na área. Acreditamos que se a aula inaugural tivesse acontecido com Décio Pignatari, ela teria ocorrido como uma exposição oral de conceitos e informações – como aconteceu semanas depois e posteriormente em diversas aulas com essa turma –, ao contrário da aula de Ivens Fontoura, que foi mais ilustrativa e performática.

Essa primeira experiência com o curso aconteceu em um dos pontos-chave para a formação dos discentes. Observamos a partir das narrativas que a Reitoria é considerada o ponto mais importante na formação desses estudantes e tratada como um local fundamental. Semelhante a um marco zero, os relatos de distância ou de deslocamento muitas vezes partem dela para outros pontos. Ela também é tratada como “ali”⁹ por Newton Gama (2020), mesmo estando geograficamente longe no momento da entrevista. A qualificação da Reitoria como o ponto principal para a formação indica que as atividades que nela aconteceram tiveram grande importância na constituição desses sujeitos.¹⁰

Seguimos para o último andar do edifício D. Pedro I, o décimo segundo. Seu acesso se dá pelo elevador até o décimo primeiro andar, e subimos de rampa para o último andar (ver Figura 3). Ao lado da casa das máquinas, responsáveis pelo subir e descer incessante dos elevadores, se situava o *vagão*. Vagão, alusão a um grande espaço vago, era um lugar amplo que foi convertido em sala de aula para a prática de desenhos e outras atividades relacionadas à expressão e projeto. Essa conversão do lugar aconteceu a partir das reivindicações dos alunos por melhorias, no entanto, as condições não eram

⁷ Ivens, depois de se apresentar, já anuncia que não poderia dar aulas na UFPR devido a “problemas no currículo” alegados por órgãos da ditadura. (Julio Bertola, 2020).

⁸ Aramis Millarch, colunista da sociedade curitibana, descreve em sua coluna “Designers & Programadores” de 20 de março de 1975 como foi essa aula inaugural de Décio Pignatari (Millarch, 1975).

⁹ A entrevista de Newton Gama se deu por videoconferência e ele se encontrava em sua chácara, afastada, na região metropolitana de Curitiba. Chamou a atenção o uso do advérbio *ali* para a Reitoria e *lá* para o Centro Politécnico e outras localidades da formação.

¹⁰ Defendemos, dessa forma, assim como Michel de Certeau (1994) nas suas descrições cotidianas, que é a atividade que qualifica o espaço.

ideais. O docente José Humberto descreve seu início de trabalho, em 1976, com essa turma:

Iniciei trabalhando com essa turma na única sala própria dos cursos no décimo segundo andar, a qual a gente chamava de ‘vagão’. Era aquela sala que você olhava assim [fazendo gesto de distância], você tinha que berrar, porque tinha gente lá no fundo. As disciplinas práticas tinham que ser dadas ali. (José Humberto Boguszewski, 2019).

As disciplinas práticas, como Expressão em Superfície e Expressão em Volume, aconteciam neste local. O *vagão* era composto somente por pranchetas com régua paralelas¹¹ e banquetas. José Humberto relata como se davam as práticas nessas disciplinas:

Então, ao longo do semestre eram realizados exercícios de forma. Faziam alguma coisa em sala, mas construíam principalmente fora. Porque muita coisa, como o recorte, era possível fazer ali, apesar das pranchetas não terem vidro para o corte. Mas, muita coisa era feita em oficina fora. Era um ‘vagão’, você apresentava a proposta, explicava e a turma fazia e não tinha jeito, fazia fora. (José Humberto Boguszewski, 2019).

Esse espaço, assim, se tornou um local para interação e socialização do grupo¹² e apresentação das propostas e de práticas que exigem materiais e técnicas de construções mais simples, como recortes em papel ou colagens. Era de utilização quase que estrita aos cursos de Comunicação Visual e Desenho Industrial.

Na imagem a seguir (Figura 6) vemos cinco discentes tomando sol no espaço aberto do décimo segundo andar. Esse espaço não era aberto para a circulação de alunos(as) da universidade, no entanto, em diversas ocasiões, discentes de Comunicação Visual e Desenho Industrial aproveitavam o tempo livre (e a porta destrancada que dava acesso) e socializavam ao sol vislumbrando a vista panorâmica do centro da cidade, como alguns interlocutores mencionaram. É possível reconhecer a Dulce na foto, uma das interlocutoras, com camisa e penteado rabo de cavalo. Com a bolsa, uma pasta e dois livros repousados ao seu lado, Dulce está sentada no chão conversando com seus colegas de forma alegre e tranquila. Três deles estão encostados no parapeito, de frente para o sol. Talvez estejam conversando sobre as atividades do curso ou sobre

¹¹ Julio Bertola (2020) menciona sobre a questão das régua paralelas e a falta de estrutura: “[a universidade] comprou pranchetas, régua paralelas, e material pra gente estudar decentemente, começou a fazer a oficina de modelos. Apesar de que a gente nunca usou, sabe como é, né? Coisa do governo assim, nunca finaliza [risadas]. Então era pra ter, sei lá, mesa com régua, não durou uma semana... o povo roubou, coisas assim. Chocante, né?! O pessoal saía assim com as régua paralelas enfiadas na calça assim, quem era alto se dava bem [risadas]”.

¹² Julio Bertola (2020) conta que em diversos encontros nesse espaço a turma mais socializava entre eles e conversavam do que tinham atividades: “A aula era mais conversa do que aula mesmo!”.

a vida. Para além do parapeito, podemos observar na imagem de forma desfocada a cidade e seu horizonte. Eles parecem estar habituados a essa vista, sentados no chão em vez de contemplá-la, tal hábito confirmado por Antonio Razera Neto (2020), um dos interlocutores da pesquisa.



Figura 6 – Discentes tomando sol no décimo segundo andar da Reitoria (1977).
Fonte: acervo de Antonio Razera Neto.

Havia nos cursos, em todos os anos formativos, uma disciplina dedicada à prática de projeto chamada Projeto e Seu Desenvolvimento. Algumas das práticas de projeto narradas pelos interlocutores acontecem no “vagão”, outras nas salas de aula do oitavo andar do mesmo prédio (Figura 7) ou, por outras vezes, no Centro de Criatividade de Curitiba. Muitas são práticas de apresentação de projetos e encontros ou acompanhamentos com professores, geralmente com a professora Virgínia Kistmann¹³ ou com o professor Oswaldo Nakasato.¹⁴ Os projetos mencionados,¹⁵ principalmente os protótipos resultantes, tinham diversas complexidades e não eram possíveis de serem

¹³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR. Possui graduação em Desenho Industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial do Rio de Janeiro (ESDI-RJ), mestrado em Design pelo Royal College of Art (RCA), na Inglaterra, e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (Kistmann, 2022).

¹⁴ Oswaldo Nakasato, graduado em 1974 pela ESDI-RJ, se torna docente pela UFPR a partir do segundo semestre de 1975.

¹⁵ Dos projetos que os discentes desenvolveram foram mencionados móveis, cerâmicos utilitários, equipamentos agrícolas e acessórios em polímero para escritório.

fabricados nos espaços da Reitoria. Mesmo com a centralidade da disciplina para a prática de projeto no currículo, Toni Razera em depoimento relata que “toda aula tinha projeto para fazer” (Antonio Razera Neto, 2019).



Figura 7 – Apresentação de projeto (mobiliário ao centro) em uma sala de aula no oitavo andar (1978).
Fonte: acervo de Antonio Razera Neto.

Na foto acima (Figura 7), em uma sala do oitavo andar (ver Figura 3 para localização), observamos a turma de Desenho Industrial ao redor de um protótipo de mobiliário. Esse projeto intitulado “Mobiliário Didático para Jardim de Infância” foi desenvolvido pelas alunas Maria Angélica Sartor e Elizabete Escartezini (Caviquiolo, 2010), que estão mais ao fundo, apresentando. É o Trabalho de Conclusão de Curso delas e pela imagem percebemos que a apresentação parece tranquila, com a maioria da turma ouvindo de forma atenta. Na mesa, ao centro, estão os relatórios abertos para auxílio na apresentação. Uma das apresentadoras está explicando algo enquanto consulta esse relatório. A outra, com a mão na cintura, ouve atentamente a colega esperando o momento para começar a sua fala.

Percebemos também na imagem que alguns alunos ao fundo nem ouvem a apresentação das colegas, estão a resolver algo de última hora. Mais à esquerda, outros(as) discentes fumam enquanto assistem à apresentação. Na foto não é possível reconhecer se havia algum docente na sala, é provável que sim. Toni Razera descreveu essa cena como a apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, que aconteceu “sem muita cerimônia” (Antonio Razera Neto, 2021). De fato, nota-se um tom informal na

apresentação e sem a composição de banca colocada à frente das pretensas egressas.

Ainda na Reitoria, um dos locais mais mencionados em atividades fora de sala de aula era a “cantina do Seu Juca”. Ela se situava no térreo do edifício D. Pedro I e era frequentada por alunos(as) e professores(as) de todos os cursos do setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. A “cantina”, na verdade, era um local para se tomar café e socializar entre uma aula e outra, ou nos intervalos. Também era, muitas vezes, utilizada como local de encontro para resolver atividades e projetos. Toni Razera relata que, devido a inexistência de um local próprio para a confecção de modelos e protótipos, os alunos precisavam resolver os desenvolvimentos longe da sala de aula. Assim, com muitas saídas, por diversas vezes, o ponto de encontro para discutir e organizar os trabalhos era a cantina:

E a gente saía... Eu não sei como é que as aulas tinham... que nas aulas a gente vivia naquela cantina ali embaixo. Se você falar com o Silvio Silva ele vai falar que viveu mais tempo na cantina que qualquer outro lugar! [risadas]. (Antonio Razera Neto, 2020).

Além da questão de estrutura e a liberdade que isso proporcionava na circulação durante o período das aulas, Marília relembra, por outro lado, que as reuniões em grupos maiores em locais externos eram mais difíceis de acontecer nas redondezas, também por isso a utilização da cantina se torna proeminente:

Naquela época... e você tem que entender que os primeiros anos de faculdade a gente ainda pegou a... a... a ditadura militar. Então a gente não podia se reunir. Algumas vezes a gente foi proibido de... a gente tava em grupo na faculdade, a polícia chegava e dizia: ‘não pode’. (Marília Isfer, 2020).

Outros pontos são citados nos arredores da Reitoria. Um deles é o Passeio Público, situado a algumas quadras dali (ver Figura 5). Esse local é mencionado tanto pelos passeios feitos quanto pelo Bar do Pasquale,¹⁶ que se situava no seu interior. Lá, socializavam entre si com chopes e petiscos.¹⁷ Sobre outros bares na região, os interlocutores apontam que não existiam muitos por ali.

Outra questão é que muitos desses alunos já trabalhavam em escritórios ou estagiavam em empresas, não havendo esse momento para sociabilização ocasional em bares ao longo dos dias da semana.¹⁸ Eram encontros mais dinâmicos e objetivos em

¹⁶ Fundado na década de 50 do século XX, o antigo Bar do Pasquale foi um tradicional reduto da boemia curitibana.

¹⁷ Julio Bertola (2020) relembra o Bar do Pasquale mencionando: “lá liberava o chope!”.

¹⁸ Newton Gama, pertencente a esse grupo de alunos que já trabalhavam, diz: “[...] não teve assim muita... muita turminha assim: ‘vamos juntos no bar’. Não aconteceu isso. A gente tinha que trabalhar! [risadas]” (Newton Gama, 2020).

cafés, pastelarias,¹⁹ padarias e praças.

Considerações finais

Por meio da descrição dos procedimentos e seus resultados, buscamos neste trabalho evidenciar a construção e operacionalização de mapas e infográficos a fim de cartografar os territórios, circuitos e espaços de circulação dos sujeitos, acionando os estudos de Magnani (2014) sobre circuitos e trajetos. Para as práticas de espaço nos locais, propomos a articulação narrativa dos relatos orais com as imagens, assim como propõe Bourdieu (2003) e Martins (2008). A proposta foi de enriquecer o rol de práticas e abordagens da história oral a partir de autores da antropologia do espaço e da sociologia da imagem.

Entendemos que, por meio de autores como Barnes (1987), Simmel (1971), Magnani (2014) e Certeau (1994), foi possível narrar as sociabilidades, circulações, redes e práticas nos espaços, relacionando as experiências produzidas durante a formação nos cursos de Desenho Industrial e Comunicação Visual com as constituições desses sujeitos em *designers* (Bondía, 2002). Para a cartografia das territorialidades, a proposta de circuito de Magnani (2014) foi essencial para iniciar as construções de mapas e infográficos. O intuito de tais construções foi sistematizar e ordenar os eventos e espaços de formas diferentes - por meio do acionamento de legendas, representações gráficas, percursos e fragmentos de entrevistas -, a fim de entender as práticas.

Acreditamos que com esta proposta interdisciplinar da sociologia da imagem, antropologia dos espaços e história enriqueçam os estudos memoriais que buscam investigar as práticas, os espaços e territorialidades, e as ferramentas como mapas, rede de interlocutores, infográficos de espaços, entre outros, ajudam no entendimento das circulações pela cidade, assim como para localização dentro dos espaços. A análise das fotografias, por sua vez, auxilia na (re)construção desses lugares em locais arquitetônicos, construídos. Os espaços, por sua vez, são (re)construídos por meio das descrições, das experiências desses sujeitos que mostram em suas *artes de fazer* suas constituições.

Referências

AGULHON, Maurice. *Política, imágenes, sociabilidades: de 1789 a 1989*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2016.

¹⁹ Newton Gama menciona que ele e mais um colega faziam ranking de melhores pastéis nas redondezas da Reitoria (Newton Gama, 2020).

BARNES, John Arundel. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global Universitária, 1987. p. 159-194.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *Un arte medio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

CAVIQUIOLO, Suelen Christine. *Os Trabalhos de Conclusão do Curso de Design de Produto da UFPR entre 1978 e 2000: design, tecnologia e sociedade*. 2010. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – UTFPR, Curitiba, PR, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. *Narrativas sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente em Florianópolis*, Santa Catarina, BR. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – UFSC, Florianópolis, SC, 2008.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. (Org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 127-153.

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, 2007.

EM EXTINÇÃO, os cursos seriados. *Diário do Paraná*, Curitiba, 4 mar. 1975. 2º Caderno. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=761672&pagfis=103129>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FONTINELES, Claudia Cristina da Silva; SOUSA NETO, Marcelo de. Para além das margens: o Conjunto Habitacional Itararé e as remodelações dos espaços urbanos em Teresina (década de 1970). *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 191–216, 2020.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JARWOSKI. Conjunto Reitoria UFPR. *Curitiba e Paraná em fotos antigas*, 30 mar. 2018. Disponível em: <http://curitibaeparanaemfotosantigas.blogspot.com/2018/03/conjunto-reitoria-ufpr.html>. Acesso em: 17 jul. 2022.

KISTMANN, Virgínia Borges. *Currículo da Plataforma Lattes*. Brasília, 19 maio 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5890536420372224>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LAPERRIÈRE, Anne. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, Jean et al. (Org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 386-435.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Circuito: propuesta de delimitación de la categoría. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 15, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MARTINS, José de Souza. Introdução. In: MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-31.

MAUAD, Ana Maria. Usos do passado e história pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). *Historia Critica*, Bogotá, n. 68, p. 27-45, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILES, Matthew; HUBERMAN, Michael; SALDAÑA, Johnny. *Qualitative data analysis: a methods sourcebook*. 3. ed. Tucson: Sage Publications, 2014.

MILLARCH, Aramis. Designers & Programadores. *Estado do Paraná*, Curitiba, p. 4, 20 mar. 1975.

PEREIRA NETO, André de Faria; MONTENEGRO, Antonio Torres; MACHADO, Bárbara Araújo. História Oral no Brasil: uma análise da produção recente. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 113-126, 2012.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. P. 59-82.

SIMMEL, Georg. *On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

TRONCOSO, Alberto Del Castilho. La memoria histórica y los usos de la imagen. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/131>. Acesso em: 25 jun. 2022.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

Fontes orais

BERTOLA, Julio. [abr. 2020]. Entrevistador: Alexandre Oliveira. Curitiba, PR, 20 abr. 2020.

BOGUSZEWSKI, José Humberto. [ago. 2019]. Entrevistador: Alexandre Oliveira. Curitiba, PR, 2 ago. 2019.

GAMA, Newton. [abr. 2020]. Entrevistador: Alexandre Oliveira. Curitiba, PR, 22 abr. 2020.

ISFER, Marília. [abr. 2020]. Entrevistador: Alexandre Oliveira. Curitiba, PR, 23 abr. 2020.

RAZERA NETO, Antonio. [jul. 2019]. Entrevistador: Alexandre Oliveira. Curitiba, PR, 1 jul.

2019.

RAZERA NETO, Antonio. [set. 2020]. Entrevistador: Alexandre Oliveira. Curitiba, PR, 15 set. 2020.

RAZERA NETO, Antonio. [maio 2021]. Entrevistador: Alexandre Oliveira. Curitiba, PR, 27 mai. 2021.

Recebido em 19/10/2021

Versão final reapresentada em 29/05/2022

Aprovado em 09/06/2022

Contribuições dos autores: Oliveira: planejamento da pesquisa, revisão bibliográfica, realização de entrevistas, análise dos dados e redação; Corrêa: revisão bibliográfica, análise dos dados, e revisão.

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: nada a declarar.